

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO A PARTIR DO BIOMA PAMPA: CONSCIÊNCIA, PRESERVAÇÃO E CUIDADO NO PROCESSO EDUCACIONAL

LITERACY AND LANGUAGE DEVELOPMENT THROUGH THE PAMPA BIOME:
AWARENESS, PRESERVATION, AND CARE IN THE EDUCATIONAL PROCESS

Paola Gonçalves Farias¹, Angelita Hentges², Maria Isabel Moreira³

RESUMO: Este trabalho apresenta um Produto Educacional fundamentado na pedagogia de Paulo Freire, voltado à alfabetização e letramento de estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Utilizando o Bioma Pampa como eixo temático, o material propõe atividades lúdicas, dialógicas e contextualizadas, que valorizam o território, as vivências e os saberes dos alunos. A proposta foi aplicada em uma turma de 14 crianças, com idades entre seis e sete anos, na zona urbana do município de Cerrito – RS, considerando suas realidades sociais e ritmos de aprendizagem. As três etapas — investigação da realidade, escolha de palavras geradoras e problematização — foram articuladas para promover o desenvolvimento da linguagem, da consciência crítica e da cidadania ambiental. Os resultados revelaram o fortalecimento do vínculo dos alunos com o território, a ampliação do repertório linguístico e o despertar para o cuidado com a natureza. A proposta reafirma a alfabetização como prática emancipadora, significativa e transformadora.

Palavras Chaves: alfabetização; Bioma Pampa; educação freiriana.

ABSTRACT: This work presents an Educational Product based on Paulo Freire's pedagogy, aimed at promoting literacy and language development among early elementary school students. Using the Pampa Biome as a thematic axis, the material proposes playful, dialogical, and contextualized activities that value students' territories, experiences, and knowledge. The proposal was implemented with a group of 14 children, aged six to seven, in the urban area of Cerrito – RS, respecting their social contexts and learning rhythms. The three stages — investigation of reality, selection of generative words, and problematization — were integrated to foster language development, critical awareness, and environmental citizenship. The results revealed a strengthened connection between students and their territory, an expanded linguistic repertoire, and an increased sense of care for nature. The proposal reaffirms literacy as an emancipatory, meaningful, and transformative practice.

Keywords: literacy; Pampa Biome; Freirean education.

1. INTRODUÇÃO

A crença de que todos os estudantes aprendem da mesma forma e no mesmo tempo ainda persiste no sistema educacional, mesmo sendo um equívoco. Essa visão padronizada desconsidera a diversidade de contextos, ritmos e trajetórias dos alunos, favorecendo apenas os que se ajustam a

¹ <https://orcid.org/0009-0001-9865-3522> - Instituto Federal de Educação Visconde da Graça - Pelotas – RS- Brasil. E-mail: paolafariafaria@gmail.com. – Câmpus Pelotas – Visconde da Graça, Pelotas/RS, Brasil. Av. Ildefonso Simões Lopes, 2791. 96060-290 - Pelotas - RS - Brasil. E-mail: paolafariafaria@gmail.com

² <https://orcid.org/0000-0002-0200-6209> - Doutora em Educação – UFPEL. Docente do IFSUL – Câmpus Pelotas – Visconde da Graça, Pelotas/RS, Brasil. Av. Ildefonso Simões Lopes, 2791. 96060-290 - Pelotas - RS - Brasil. E-mail: angelitahentges@ifsul.edu.br

³ <https://orcid.org/0000-0001-9940-2138> - Doutora em Ciências da Computação - UFRGS. Docente Titular do IFSUL – Câmpus Pelotas – Visconde da Graça, Pelotas/RS, Brasil. Av. Ildefonso Simões Lopes, 2791. 96060-290 - Pelotas - RS - Brasil. E-mail: mariamoreira@ifsul.edu.br

expectativas fixas e excluindo os demais. Em vez de promover inclusão, esse modelo reforça desigualdades ao ignorar as realidades individuais e sociais dos estudantes.

Mesmo com os avanços nas discussões pedagógicas, muitas escolas mantêm práticas baseadas na chamada alfabetização bancária, criticada por Paulo Freire (1987). Essa abordagem, centrada na imposição de conteúdos e na autoridade do professor, desconsidera as experiências dos alunos e não promove diálogo. Persistem metas uniformes e prazos rígidos, ignorando as diferenças e os tempos de aprendizagem de cada estudante, como se a sala de aula fosse um espaço homogêneo.

A vivência da autora como professora reforça que pouco mudou: cartilhas padronizadas ainda dominam o cenário escolar, promovendo um ensino mecânico e descontextualizado. Isso evidencia a necessidade de práticas pedagógicas mais sensíveis e eficazes, que respeitem os saberes dos alunos, seus contextos e seus tempos de desenvolvimento. É nesse cenário de resistência que surge a proposta deste trabalho, com a criação de um material didático alternativo, pautado na pedagogia freiriana e voltado à alfabetização e letramento com base em atividades lúdicas e contextualizadas.

O Bioma Pampa foi escolhido como eixo temático por ser parte do cotidiano dos alunos e, ao mesmo tempo, frequentemente invisibilizado nos currículos escolares. Sua degradação, causada por práticas agrícolas predatórias, ameaça não só o equilíbrio ambiental, mas também a identidade cultural local. Ao explorar esse bioma nas atividades pedagógicas, busca-se despertar nos estudantes a consciência crítica, o pertencimento ao território e o compromisso com a preservação da vida.

Diante desse panorama, o presente trabalho se orienta pela seguinte questão norteadora: Como um material didático, fundamentado em uma abordagem freiriana e centrado na preservação da fauna do Bioma Pampa, pode contribuir para a alfabetização e letramento dos estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, respeitando suas vivências e realidades sociais e promovendo uma educação equitativa e libertadora? Assim, o objetivo principal desse trabalho é apresentar a construção de um Produto Educacional na forma de Material de Apoio para professores que atuam no ciclo de alfabetização. A proposta busca integrar os princípios da pedagogia freiriana à valorização do Bioma Pampa, promovendo uma prática educativa crítica, criativa e conectada à realidade sociocultural dos estudantes. Ao aliar alfabetização e letramento com o conhecimento da fauna local, pretende-se proporcionar uma formação que amplie o senso de identidade, pertença e responsabilidade socioambiental dos alunos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa está fundamentada na proposta pedagógica do educador Paulo Freire, reconhecido mundialmente como o principal expoente da pedagogia crítica. Sua concepção de educação valoriza o diálogo, a escuta ativa, a humanização, a valorização da cultura do educando e o compromisso com a transformação social. Para Freire, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a produção ou construção do saber, com base na realidade dos sujeitos. Sua pedagogia propõe uma educação libertadora, construída por meio da participação ativa dos educandos no processo de ensino e aprendizagem.

2.1. EDUCAÇÃO BANCÁRIA

Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (1987) critica a “educação bancária”, modelo tradicional baseado na transmissão unilateral do conhecimento, no qual o professor é considerado o único detentor do saber e o aluno assume uma postura passiva. Essa prática, desumanizadora e autoritária, transforma o estudante em mero receptor de informações, limitando sua autonomia e mantendo estruturas de opressão social.

O ensino bancário compara o ato de educar a um depósito: o professor “deposita” conteúdos e o aluno apenas memoriza, sem questionar ou refletir. Assim, o processo educacional torna-se mecânico e alienante, inibindo o pensamento crítico. Ao invés de promover a conscientização, esse

modelo adapta os educandos a uma realidade imposta, impedindo que compreendam seu papel como sujeitos históricos capazes de transformação.

Essa lógica excludente ainda está presente em muitas escolas, onde práticas pedagógicas desconsideram o contexto dos alunos, priorizando conteúdos prontos e descontextualizados. A ausência de diálogo e escuta ativa impede a construção de uma relação pedagógica significativa, negando a práxis — a união entre ação e reflexão — que é central para uma educação transformadora, segundo Freire (1987).

Portanto, a educação bancária não promove a emancipação dos sujeitos, mas os prepara para aceitar o mundo como está, sem contestação. Em oposição a essa visão, Freire propõe uma pedagogia fundamentada no diálogo, na escuta sensível e na problematização da realidade, onde o educando é reconhecido como protagonista do processo de aprendizagem e agente de mudança social.

2.2. EDUCAÇÃO LIBERTADORA

A Educação Libertadora proposta por Paulo Freire (1987) contrapõe-se diretamente à lógica da educação bancária, ao defender uma prática pedagógica fundamentada no diálogo, na escuta ativa e no respeito à realidade dos educandos. Para ele, o processo educativo deve reconhecer o estudante como sujeito histórico, capaz de compreender e transformar o mundo, em vez de ser apenas receptor de conteúdos prontos.

Essa proposta exige uma pedagogia comprometida com a crítica e a transformação social, indo além do ensino técnico da leitura e escrita. Trata-se de uma ação educativa com forte dimensão ética e política, voltada à formação de cidadãos conscientes, solidários e atuantes. A escola, nesse contexto, deixa de ser um espaço de adaptação e passa a ser um lugar de problematização e construção coletiva do conhecimento.

Na perspectiva freiriana, o protagonismo do aluno é fundamental. A partir da participação ativa na escolha e análise dos conteúdos, desenvolve-se a autonomia e a consciência crítica frente às injustiças sociais. A pedagogia libertadora surge, assim, como alternativa às práticas excludentes e normativas, reconhecendo que equidade e diversidade são princípios essenciais para uma educação realmente inclusiva.

O papel do professor, nesse cenário, é o de mediador crítico, que estimula o pensamento reflexivo e propõe situações que desafiem o aluno a interpretar sua realidade. Ao invés de seguir currículos engessados e materiais padronizados, o educador propõe perguntas, provoca o diálogo e amplia o olhar dos estudantes sobre os problemas sociais. Como afirma Freire (1987), ensinar é um ato político que deve favorecer a construção de uma sociedade mais justa e consciente desde os primeiros anos de escolarização.

2.3. DIÁLOGO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Paulo Freire compreendia que a educação crítica deve levar o estudante à problematização de sua realidade e à valorização de sua cultura. Para ele, o diálogo é o fundamento de uma prática pedagógica transformadora, que não muda diretamente a sociedade, mas forma sujeitos conscientes e solidários, capazes de transformá-la coletivamente. Nesse sentido, a educação se torna um ato político que liberta e humaniza.

Na pedagogia freiriana, o diálogo é a base do processo de ensinar e aprender. Professor e aluno se colocam em uma relação horizontal, onde ambos ensinam e aprendem. Essa escuta respeitosa dos saberes dos educandos fortalece sua autonomia e promove a conscientização, condição essencial para a formação de sujeitos críticos e atuantes.

Na alfabetização, o diálogo permite que os conhecimentos prévios dos alunos se conectem com os saberes escolares, gerando aprendizagens significativas. Isso rompe com práticas mecânicas e descontextualizadas, como o uso excessivo de cartilhas, que ignoram a realidade dos alunos e

perpetuam exclusões. Em seu lugar, propõe-se uma prática que valorize a reflexão, a criatividade e a construção coletiva do conhecimento.

Assim, alfabetizar é mais do que ensinar a ler palavras: é ensinar a ler o mundo. O professor precisa ter liberdade para adaptar suas metodologias às realidades dos educandos, promovendo uma alfabetização que desenvolva a consciência crítica. O diálogo, nesse contexto, é a essência da prática pedagógica libertadora, pois possibilita a construção de uma educação mais justa, participativa e verdadeiramente transformadora.

3. O PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional desenvolvido nesta pesquisa tem como objetivo apoiar professores no trabalho de alfabetização e letramento, por meio de atividades lúdicas e contextualizadas. A proposta visa formar sujeitos críticos e atuantes, relacionando a aprendizagem ao cuidado com o meio ambiente, com foco na preservação do Bioma Pampa. As atividades aplicadas possibilitaram aos alunos ampliar conhecimentos, compartilhar saberes e envolver a comunidade escolar em reflexões sobre sua realidade local.

Baseado na pedagogia de Paulo Freire, o material parte da realidade dos educandos e propõe atividades inspiradas na prática da autora como professora. A escolha de palavras significativas e a problematização de situações do cotidiano favorecem o desenvolvimento da consciência crítica, superando uma visão ingênua do mundo e estimulando a transformação social.

As propostas priorizam a conexão entre alfabetização, vivência e leitura de mundo. Ao trabalhar temas como fauna regional e identidade cultural, o material estimula o desenvolvimento da leitura e da escrita de forma significativa, aproximando o conteúdo escolar das experiências dos alunos e promovendo o diálogo e a valorização dos saberes locais.

O material organiza-se em três etapas metodológicas inspiradas na obra *Educação como Prática da Liberdade* (Freire, 1967): (1) investigação da realidade, (2) seleção de palavras geradoras e (3) problematização. Os quadros de atividades respeitam essa sequência e buscam promover não só o domínio da linguagem, mas também a formação de sujeitos críticos e conscientes, engajados com a transformação social e ambiental.

3.1. ETAPA 01 – INVESTIGAÇÃO DA REALIDADE DOS EDUCANDOS

A primeira etapa consiste na investigação da realidade existencial dos educandos, em consonância com os princípios da pedagogia freiriana. Essa etapa é composta por cinco momentos integrados. No primeiro, propõe-se uma apresentação espontânea dos estudantes, estimulando-os a compartilhar informações como nome, idade, local de moradia, gostos e preferências. No segundo momento, os alunos são convidados a representar graficamente, por meio de desenhos livres, elementos de sua realidade cotidiana, permitindo uma expressão simbólica de sentimentos, memórias e referências culturais. A apresentação dos desenhos, no terceiro momento, amplia o repertório coletivo da turma e fortalece o respeito às diferentes vivências.

O quarto momento consiste em um passeio pelo entorno da escola ou em um espaço natural acessível, no qual os estudantes observam e registram, com auxílio do professor, elementos do ambiente como animais, plantas, infraestrutura e sinais da ação humana. O quinto e último momento da etapa propõe uma análise coletiva das fotografias feitas durante o passeio. Por meio de recursos como Datashow ou televisão, as imagens são exibidas e comentadas em grupo, promovendo o diálogo sobre a fauna, flora, resíduos sólidos e outros elementos observados. Essa prática amplia a oralidade, ativa o pensamento crítico e prepara o caminho para a seleção das palavras geradoras que nortearão o trabalho de alfabetização e letramento. Assim, fortalece-se o vínculo entre o estudante e o meio em que vive, valorizando seu protagonismo no processo de aprendizagem.

3.2. ETAPA 02 – SELEÇÃO DAS PALAVRAS GERADORAS

Com base na escuta atenta e no levantamento das experiências da etapa anterior, iniciamos a segunda etapa da proposta pedagógica: a seleção das palavras geradoras. Esse processo, como orienta Paulo Freire, parte da identificação de termos significativos que emergem do universo vocabular dos estudantes. As palavras selecionadas não são impostas pelo professor, mas surgem da realidade concreta vivenciada pelos alunos.

No primeiro momento dessa etapa, o professor conduz a turma na análise das palavras mais recorrentes e significativas, especialmente aquelas ligadas ao Bioma Pampa, escolhendo coletivamente uma palavra de impacto como ponto de partida para o processo de codificação e decodificação. A palavra é explorada em seus aspectos fonológicos — sílabas, fonemas, letras e padrões sonoros — promovendo o desenvolvimento da leitura e escrita de forma contextualizada e significativa. Essa prática de fragmentar a palavra para compreendê-la estrutura a alfabetização de modo crítico e funcional, permitindo que os estudantes reconheçam os elementos da linguagem e, ao mesmo tempo, atribuam sentido ao vocabulário com base em suas vivências.

No segundo momento, propõe-se uma nova roda de conversa, agora centrada na reflexão coletiva sobre as situações vividas e os problemas percebidos nas atividades anteriores. A turma é convidada a discutir, por exemplo, os impactos da ação humana sobre o Bioma Pampa e o significado das palavras relacionadas à fauna e à flora observadas. Desse diálogo emergem novas palavras significativas, que são organizadas num painel coletivo, tornando-se recurso visual para ampliar o vocabulário e reforçar a conexão entre linguagem e realidade. Esse painel das palavras funciona como um mapa simbólico do que os estudantes sabem e sentem, sendo constantemente alimentado por suas falas e descobertas. O professor, ao mediar esse processo, levanta questões que convidam à reflexão: “O que essa palavra representa na nossa vida?”, “Que sentimentos ela desperta?”, “Por que devemos cuidar do que ela nomeia?”. Essas perguntas estimulam a oralidade, a interpretação e a consciência crítica, ressignificando o processo de alfabetização como prática dialógica e política.

Por fim, no terceiro momento, propõe-se uma atividade de sistematização e expressão criativa: a construção de cartazes coletivos com as palavras trabalhadas, organizadas em sílabas e ilustradas pelos próprios estudantes. Através de colagens, desenhos e pequenos textos, os alunos representam sua visão sobre o Bioma Pampa, sua comunidade e o mundo em que vivem. Essa produção materializa o vínculo entre linguagem, identidade e território, permitindo a socialização dos saberes e fortalecendo a autonomia, o protagonismo e a sensibilidade dos estudantes diante dos desafios sociais e ambientais que os cercam.

3.3. ETAPA 03 – PROBLEMATIZAÇÃO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS E DOS SABERES DOS ESTUDANTES

A terceira etapa da proposta metodológica freiriana tem como foco a problematização das palavras selecionadas a partir das vivências dos estudantes, transformando o vocabulário construído coletivamente em instrumento de leitura crítica do mundo. Inicialmente, organiza-se um painel com as palavras significativas, dispostas em ordem crescente de complexidade — considerando sílabas, sons e familiaridade — para facilitar sua exploração. A partir desse material, o professor conduz um diálogo com os alunos sobre os significados e a presença dessas palavras em seu cotidiano, promovendo uma reflexão contextualizada e significativa.

Esse processo estimula a consciência crítica e respeita o ritmo de aprendizagem de cada aluno. As palavras são investigadas em suas dimensões técnicas — letras, sons, recombinação — e simbólicas, conectando linguagem e realidade. Freire (1967) defende que a alfabetização deve partir da experiência concreta dos estudantes, mediada por escuta e diálogo. Nesse sentido, a escolha de uma palavra de maior impacto entre as selecionadas aprofunda a discussão. Em roda de conversa, essa palavra serve de gatilho para reflexões sociais, afetivas e ambientais, integrando linguagem, subjetividade e consciência cidadã.

Na sequência, realiza-se a construção de um texto coletivo, baseado nas palavras e sentidos discutidos. Essa escrita, feita com a mediação do professor, valoriza o protagonismo estudantil e torna

o ato de escrever uma prática autoral e reflexiva. O texto, elaborado em letra bastão conforme o nível da turma, é lido em grupo, promovendo fluência, compreensão e análise crítica. Após a leitura, o professor propõe questões interpretativas como: “O que aprendemos com esse texto?”, “Como ele se relaciona com nossa realidade?”, promovendo a leitura como exercício de expressão e transformação.

Por fim, sugere-se a socialização do conhecimento produzido. O painel com os desenhos, palavras e o texto pode ser exposto em um espaço comum da escola, fortalecendo o reconhecimento do trabalho dos alunos. Essa ação amplia o diálogo para além da sala de aula, envolvendo a comunidade escolar na reflexão sobre os temas abordados. Trata-se de uma prática que concretiza os pilares da pedagogia freiriana — escuta, autoria, diálogo e transformação — e reafirma a alfabetização como um processo coletivo, crítico e emancipador.

4. RELATO DE APLICAÇÃO E PRINCIPAIS RESULTADOS

Esta seção apresenta a implementação e avaliação do Produto Educacional, articulando os fundamentos da pedagogia libertadora de Paulo Freire à prática pedagógica desenvolvida. Partindo do princípio de que ensinar é criar condições para a construção do conhecimento em diálogo com os estudantes, a proposta buscou formar sujeitos críticos e conscientes, conectando a alfabetização às experiências locais e à leitura do mundo vivida pelos alunos.

A aplicação ocorreu com uma turma de 14 alunos dos Anos Iniciais da Escola Municipal Regina Maria Duarte Alves, em Cerrito – RS. Embora inicialmente prevista a participação de outras escolas, um temporal em abril de 2024 inviabilizou o envolvimento das instituições da zona rural. As atividades foram adaptadas ao contexto da turma e autorizadas pelos responsáveis mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando a realidade e as necessidades dos educandos.

Durante as atividades, os alunos demonstraram envolvimento, curiosidade e senso crítico, principalmente ao explorar o território ao redor da escola e trabalhar com palavras geradoras como “capivara”. O uso de fantoches e debates despertou afetividade e consciência ambiental, favorecendo o desenvolvimento de uma postura mais participativa e solidária. As três etapas metodológicas — investigação, seleção de palavras e problematização — foram integradas de forma sensível, promovendo uma alfabetização significativa, crítica e humanizadora.

4.1. ETAPA 01 – CONHECIMENTO DA REALIDADE DOS ALUNOS

A Etapa 01 da proposta metodológica fundamenta-se no princípio essencial da pedagogia de Paulo Freire: conhecer profundamente a realidade dos educandos como ponto de partida para a prática educativa. Para Freire (1996), “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”. Assim, essa fase inicial teve como objetivo construir um ambiente dialógico e de escuta ativa, por meio de cinco momentos distintos que permitiram conhecer o contexto social, familiar e cultural dos alunos, valorizando seus saberes prévios e promovendo uma pedagogia verdadeiramente libertadora.

No primeiro momento, os alunos foram convidados a se apresentar e compartilhar espontaneamente suas vivências, histórias familiares e percepções sobre o mundo em que vivem. Essa atividade, centrada na escuta sensível, possibilitou a construção de um espaço pedagógico humanizador, pautado no respeito mútuo e no reconhecimento da diversidade. Freire (1996, p. 32) defende que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, e foi justamente esse princípio que guiou a condução do momento. Ao reconhecer o aluno como sujeito portador de uma história, rompe-se com a lógica bancária da educação e inicia-se uma verdadeira construção coletiva do conhecimento.

Na sequência, no segundo momento, os estudantes realizaram desenhos retratando suas famílias, casas e ruas. Essa prática, inspirada na leitura de mundo anterior à leitura da palavra (Freire, 1987), permitiu acessar dimensões afetivas, cognitivas e sociais dos alunos, revelando aspectos importantes de suas realidades concretas. Ao se expressarem graficamente, as crianças mobilizaram suas emoções e representações simbólicas, desenvolvendo simultaneamente habilidades psicomotoras e competências de linguagem.

No terceiro momento, foi realizada uma roda de conversa em que os alunos compartilharam e interpretaram seus próprios desenhos, promovendo um exercício dialógico baseado na escuta ativa e na empatia. Como nos lembra Freire (1987, p. 78), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si”. Esse princípio se concretizou nesse momento, no qual as crianças se educaram mutuamente ao reconhecerem e valorizarem as diferentes realidades familiares presentes no grupo. A atividade também fortaleceu o sentimento de pertencimento e ampliou o respeito às diversidades, preparando o terreno para práticas pedagógicas mais inclusivas e participativas.

O quarto momento consistiu em uma caminhada exploratória ao redor da escola, com o objetivo de observar criticamente o entorno e despertar nos alunos o senso de responsabilidade coletiva. Durante o passeio, os estudantes identificaram problemas como lixo acumulado, brinquedos quebrados e até um pássaro morto, gerando questionamentos espontâneos e reflexões críticas. A partir dessa leitura concreta da realidade, os alunos começaram a compreender que o espaço escolar é um bem coletivo, e que sua preservação depende da ação de todos. Freire (1987) afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra — e é justamente essa leitura crítica que desencadeia processos transformadores.

Em vez de apenas relatar suas observações oralmente, no quinto momento os alunos foram convidados a registrar graficamente suas percepções sobre a caminhada. Os desenhos produzidos tornaram-se novas ferramentas de expressão, por meio das quais as crianças ressignificaram suas experiências, transformando observações em propostas de mudança. Essa atividade se alinha ao conceito de “práxis” freiriana — entendido como ação e reflexão em um movimento de transformação. Ao expressarem indignação com a situação do entorno e sugerirem a instalação de uma lixeira, os estudantes passaram da denúncia à anunciação de uma solução, posicionando-se como sujeitos capazes de intervir em sua realidade.

Essa prática reforça a concepção de que alfabetizar não é apenas ensinar a ler e escrever, mas criar as condições para que o sujeito compreenda criticamente o mundo em que vive e atue sobre ele com consciência. Freire (2017) destaca que a educação verdadeira exige o diálogo, a escuta e o engajamento ético com o outro. A proposta aqui implementada mostra que, quando respeitados e ouvidos, os estudantes são capazes de elaborar reflexões maduras, desenvolver empatia e propor transformações concretas.

4.2. ETAPA 02 – A ESCOLHA DAS PALAVRAS GERADORAS

A segunda etapa do Produto Educacional fundamenta-se na proposta de Paulo Freire de utilizar as “palavras geradoras” como eixo para o processo de alfabetização. Essa etapa consistiu na escuta atenta das falas e vivências dos alunos, com o objetivo de identificar vocábulos que carregassem significados afetivos, culturais e territoriais para o grupo. Como afirma Freire (1987), a alfabetização deve partir do universo vocabular dos educandos, sendo esse o ponto de partida para a construção de um conhecimento verdadeiramente significativo.

No primeiro momento dessa etapa, foi realizada uma dinâmica coletiva de levantamento do vocabulário das crianças, promovendo um espaço de escuta ativa, onde cada estudante pôde sugerir palavras ligadas ao seu cotidiano. Palavras como “gato”, “bicicleta”, “caderno” e “capivara” emergiram espontaneamente e foram registradas em um quadro coletivo. Essa ação concreta de acolher o vocabulário do aluno concretiza o princípio freiriano de valorização dos saberes populares e do respeito à cultura do educando (Freire, 1996).

Entre as palavras mencionadas, destacou-se “capivara”, escolhida por sua forte carga simbólica e afetiva, especialmente pelo vínculo criado entre os colegas e uma aluna que trazia uma pelúcia do animal para a escola. A partir dessa escolha, iniciou-se o processo de decodificação e exploração fonológica da palavra, respeitando o estágio de alfabetização dos alunos e permitindo a construção de

novas palavras a partir de suas sílabas. Segundo Freire (1987), a leitura da palavra deve estar articulada à leitura do mundo, e foi exatamente isso que essa atividade promoveu.

No segundo momento, a palavra geradora foi aprofundada com base em perguntas problematizadoras sobre a realidade do animal e sua relação com o Bioma Pampa. Os alunos refletiram criticamente sobre questões ambientais como desmatamento, lixo nos rios e caça ilegal. Ao fazerem isso, ultrapassaram a compreensão técnica da linguagem e adentraram o campo da consciência social e ecológica, exercendo o que Freire chama de “práxis”: ação e reflexão transformadoras sobre a realidade (Freire, 1987).

O envolvimento das crianças nas rodas de conversa foi marcado pela curiosidade, pelo encantamento e pela vontade de aprender mais sobre o animal e seu habitat. Esse interesse espontâneo demonstra a potência da alfabetização quando ela é mediada por elementos significativos, contextualizados e afetivos. Nesse sentido, a proposta dialoga diretamente com a visão de Freire (2017), que defende que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as condições para que ele seja construído em diálogo.

No terceiro momento da etapa, os estudantes participaram de atividades lúdicas com fantoches representando animais do Bioma Pampa, como o tatu-bola e o veado-campeiro. Essa ação articulou oralidade, escuta e imaginação, reforçando os vínculos com a fauna local. A dramatização possibilitou o aprofundamento do conteúdo em um formato acessível e envolvente, respeitando os tempos de aprendizagem e as formas de expressão próprias da infância, como propõe Freire ao reconhecer o educando como sujeito integral.

Complementando as atividades, os estudantes produziram desenhos e textos espontâneos sobre os animais estudados, reforçando a relação entre imagem e palavra, emoção e linguagem. Conforme Freire (1996), educar é um ato de amor, e amar é comprometer-se com a realidade dos que aprendem — compromisso esse que se materializou com força e beleza nesta etapa do processo.

4.3. ETAPA 03 – PROBLEMATIZAÇÃO

A terceira etapa do Produto Educacional, intitulada problematização, teve como objetivo aprofundar a reflexão crítica dos estudantes a partir das palavras geradoras selecionadas. Inspirados na pedagogia de Paulo Freire, compreendemos que o ato de alfabetizar vai além do domínio técnico da leitura e da escrita: trata-se de criar condições para que os educandos leiam o mundo e se posicionem diante dele de forma crítica e transformadora.

O primeiro movimento consistiu na construção de um painel coletivo com as palavras mais recorrentes ao longo das atividades. A disposição visual foi pensada de modo didático e progressivo, respeitando a complexidade fonológica das palavras e o ritmo de aprendizagem das crianças. Ao organizá-las do mais simples ao mais complexo, criou-se um recurso visual que favoreceu tanto o reconhecimento de sílabas e letras quanto a identificação de padrões sonoros. Segundo Freire (1987), a alfabetização deve nascer do reconhecimento do universo linguístico que é significativo para os alunos, e esse painel representou exatamente esse elo entre linguagem e realidade.

Durante a construção do painel, aspectos importantes da produção textual foram trabalhados com intencionalidade pedagógica. Elementos como o espaçamento entre palavras, a organização em parágrafos e a presença de títulos possibilitaram aos estudantes uma compreensão mais ampla da estrutura do texto escrito. A escrita foi então utilizada como forma de expressão sobre o mundo vivenciado, resgatando o princípio freiriano de que a alfabetização deve permitir que o aluno diga a sua palavra sobre a realidade (Freire, 1967).

Na sequência, realizou-se a leitura coletiva das palavras organizadas no painel, momento em que se evidenciou o avanço das crianças no reconhecimento de letras, sílabas e palavras inteiras. Muitos demonstraram facilidade em associar sons a novas palavras, ampliando seu repertório linguístico de forma prazerosa e significativa. Essa atividade promoveu não apenas a fluência leitora, mas também o fortalecimento da consciência fonológica, essencial ao processo de alfabetização. Freire

(1982) reforça que o aprendizado da leitura só é pleno quando está conectado ao sentido e ao contexto — e foi essa ligação entre palavra e mundo que se fortaleceu nesse momento.

Como culminância da etapa, foi retomada a palavra “capivara”, que havia ganhado destaque ao longo do percurso pedagógico. A escolha da palavra como central no painel coletivo refletiu não apenas seu apelo afetivo para a turma, mas também seu potencial para gerar discussões sobre o território, a fauna local e a responsabilidade ambiental. Tal escolha dialoga com a perspectiva freiriana de que o conteúdo educativo deve fazer sentido para o educando, permitindo que ele se reconheça naquilo que aprende e seja mobilizado a refletir e agir.

A escrita coletiva de um texto intitulado Bioma Pampa representou a consolidação das aprendizagens construídas ao longo das etapas anteriores. Elaborado a partir das experiências vividas pelos estudantes, o texto abordou aspectos como os animais estudados, os cuidados com o meio ambiente e as vivências no campo. Posteriormente, o texto foi exposto no corredor principal da escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa demonstrou que a alfabetização pode ser profundamente envolvente quando se ancora na realidade concreta dos estudantes, valorizando suas vivências, territórios e culturas. Ao escolher o Bioma Pampa como eixo articulador das ações pedagógicas, o Produto Educacional desenvolvido reafirmou a importância de integrar os conteúdos escolares ao contexto sociocultural e ambiental dos alunos. Em uma região onde esse bioma é parte do cotidiano, mas raramente valorizado nos currículos escolares, essa escolha permitiu não apenas o aprendizado da leitura e da escrita, mas também a construção de vínculos afetivos com o lugar em que vivem.

A pedagogia freiriana, ao colocar o educando como sujeito histórico, ativo e criador, inspirou todo o processo de elaboração, aplicação e avaliação do Produto Educacional. Cada atividade desenvolvida teve como base o respeito aos saberes prévios dos alunos e a escuta sensível de suas histórias e formas de ver o mundo. O diálogo, a problematização e a valorização da identidade local transformaram a sala de aula em um espaço de partilha e construção coletiva do conhecimento. A alfabetização, nessa perspectiva, deixou de ser uma tarefa mecânica para se tornar um processo dialógico, afetivo e libertador — um ato político que reconhece a criança como autora de sua própria história.

Os resultados observados durante a aplicação da proposta evidenciaram o potencial transformador dessa abordagem: os estudantes não apenas aprenderam a ler e escrever, mas também desenvolveram senso crítico, consciência ambiental e sentimento de pertencimento ao seu território. Demonstraram empatia, responsabilidade e protagonismo ao propor ações concretas para melhorar o ambiente escolar e proteger a fauna local. Essas atitudes refletem o que Freire denominava *práxis*: ação e reflexão transformadora do mundo. A alfabetização, assim, foi compreendida como um caminho para a emancipação, a cidadania e a construção de um sujeito pleno, consciente e ativo. A validação do Produto foi realizada pelos discentes da professora pesquisadora/ já também usado por outro colega.

Por fim, reafirmamos que não há alfabetização verdadeira sem amor — amor pelo educando, pela educação, pelo território e pelo ato de ensinar. Como expressa Paulo Freire (1996), educar é um ato de amor e coragem, um compromisso ético com a transformação da realidade e com a valorização do outro como sujeito de saber.

6. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

Link do Produto Educacional

<https://ppgcited.cavg.ifsul.edu.br/wp-content/uploads/2025/07/Paola-Guia-1-compactado.pdf>

<https://ppgcited.cavg.ifsul.edu.br/wp-content/uploads/2025/07/Paola-Guia-1-compactado.pdf>